

A EVOLUÇÃO DO IBERISMO DE JUAN VALERA

The evolution of 'iberismo' in Juan Valera

Rodrigo Vasconcelos Machado*

A vida de Juan Valera (1824-1905), que durou praticamente quase todo o século XIX e o início do seguinte, foi vivida numa posição que lhe permitiu ver do alto o torvelinho por que passava o seu tempo. Desde o seu nascimento na cidade espanhola de Cabra em 1824, até a sua morte em 1905, Valera teve um percurso intelectual cheio de turbulências. Os gastos para manter a sua posição social levavam a uma falta de dinheiro constante; contudo, sua vida teve significado, pois seus desejos mais profundos foram alcançados. Tornou-se um escritor consagrado pela crítica do seu tempo e em vida. Os livros eram publicados e os seus ensaios tinham uma boa acolhida. Era também membro da *Real Academia de La Lengua* desde 1861. A sua ascensão social foi condicionada pela sua dedicação excepcional à carreira das letras e retrata que o talento literário foi a condição *sine qua non* para o seu sucesso, visto que os seus textos ficcionais primavam por uma forma mais generosa e flexível de ver o mundo a partir da palavra escrita.

O início na carreira diplomática foi modesto, pois tinha de custear os seus próprios gastos com uniforme e outras necessidades pessoais. A entrada no serviço diplomático de Valera se inicia com a nomeação em 1847 como *Attaché ad honorem* da embaixada Espanhola de Nápoles; indicação honorífica que recebeu de seu tio Agustín. Com esse pretexto se fazem mais freqüentes os pedidos de ajuda financeira para cobrir as despesas. Dois anos e meio (1847-1849) durou sua permanência em Nápoles. Participar da

* Delem/UFPR.

vida diplomática lhe permitiu adestrar a sua escritura e recolher um material que seria de grande valia: a experiência de ter contato com outras culturas. A mediação intercultural foi motivada pela orientação intelectual ministrada por seu amigo Serafin Estébanez Calderón. Esta amizade começou em 1849, quando Valera iniciou sua vida na diplomacia na Itália. A influência de Estébanez Calderón foi decisiva não só pelos conselhos dados para que o jovem escritor seguisse o seu caminho como também pelo iberismo ao qual se converteu. Para Valera, o “iberismo” seria a união político-cultural de Espanha e Portugal, porém com prudência combinada com *savoir faire*.¹

Graças aos conselhos e sugestões do seu amigo, Valera entrou em contato com a cultura portuguesa e aprendeu o seu idioma. A vida na capital lisboeta de agosto de 1849 a 1850 lhe facilitou o contato com a cultura lusófona e lhe abriu o caminho para o período em que viveu no Brasil. Os anos em que residiu na capital do Império brasileiro, de 1852 a 1853, foram suficientes para que o jovem diplomata recolhesse em suas missivas tudo o que se descortinava diante dos seus olhos. Ser secretário da embaixada espanhola não significava o enriquecimento nem tampouco a preocupação com questões de estado ou geopolíticas. Contudo, a ausência de fundos financeiros determinou como seria a sua vida nessa etapa: sem viagens de exploração. O reduzido orçamento pago não lhe permitia deslocar-se pelo interior do país e sequer viajar para as demais repúblicas latino-americanas, que foi o seu projeto inicial.

A volta do escritor para a Espanha coincidiu com um mundo que passava pelos efeitos da Revolução Industrial e pela repercussão da Revolução Francesa, que teve desdobramento nos fatos que sucederão em 1848. Estamos no que o historiador Eric Hobsbawm conceitua de a *Era do capital*,² isto é, corresponde ao período da ascensão do capitalismo industrial e da consolidação da cultura burguesa. Num país que estava à margem das mudanças por que passava o noroeste da Europa ficava difícil propor uma posição mais à esquerda, ou, dito de outro modo, mais jacobina. É claro que isso se deve a uma série de questões, mas mesmo entre os intelectuais espanhóis existia o anseio por mudanças para acompanhar os novos tempos.

¹ “El pensamiento nacional, si ha de renacer en Portugal y en España, ha de renacer bajo la forma de iberismo; pero del iberismo paciente, sereno y firme que quiere ir con pausa y sosiego a la unidad por sus pasos y grados naturales, como único medio de recobrar en las circunstancias presentes del mundo la fuerza y la preponderancia perdidas, como único medio que ambos pueblos de Iberia no sean pueblos insignificantes y vuelvan a tener una gran misión en la Historia”. In: VALERA. *Obras completas*, 1947. p. 690.

² HOBBSAWM. *A era do capital – 1848-1875*. 2004.

Os eventos que sucederam em 1868³ foram um eco tardio do que se tinha passado na Europa antes e refletem as tentativas de implementar no país alguns postulados do Liberalismo. Um deles seria o da liberdade religiosa, num país totalmente católico. A manutenção do *status quo* da Igreja ia de encontro à reação por parte dos governos conservadores contrários ao ideário da revolução.⁴ Valera, diante da questão religiosa, segue a orientação liberal ao postular a liberdade de cultos com a emenda de 1869 e ao criticar membros do clero.

Desde o início, o *savoir faire* liberal-aristocrático de Valera lhe permitiu dialogar com tranquilidade no seu meio social. O seu aparente etnocentrismo, que lhe poderia ser imputado a partir de alguns dos seus escritos, fica comprometido pela sua busca do diálogo, mas evada de ambigüidades. Desse modo, escrever sobre o seu lugar na sociedade de seu tempo é um exercício que tem muitas lacunas e os documentos disponíveis podem obnubilam um comentário crítico. Observamos posições que oscilam de um pensamento liberal para um aristocrático. Por detrás do polimento aristocrático havia uma maneira de se portar liberalmente, isto é, pode-se sugerir que ele foi um “discreto” liberal: um homem que não se rebelou explicitamente contra o meio em que estava inserido, mas que nos seus escritos “discretos” salientava a hipocrisia da sociedade em que tocava viver. As convenções sociais tolhiam os seus movimentos, mas Valera sabia muito bem se movimentar no turbulento mar de intrigas da sociedade espanhola do século XIX. Deve-se salientar que o contexto da sociedade burguesa dos séculos XIX e XX já era bem diferente do da época da sociedade de corte do *Ancien Régime*, posto que os novos parâmetros econômicos passaram a dar a nota dominante e as esferas do público e do privado se separaram.

O discurso de Valera alicerça uma visão de mundo governada pelo apreço aos valores do Liberalismo, mas com uma resistência a inovações radicais (principalmente vindas de baixo), isto é, a presença do ponto de vista aristocrático irá condicionar a sua atuação liberal. Resta saber até que ponto o “mundo” fora da obra de ficção conseguiu adentrar o mundo da fantasia e influenciar as escolhas feitas. A essência dessa práxis discursiva

³ “A primeira dessas revoluções espanholas foi como a revolução colombiana do início da década de 1850, um efeito retardado dos acontecimentos de 1848. O mundo ibérico estava geralmente fora do ritmo da Europa.” HOBBSAWM, op. cit., p. 236.

⁴ “Para os governos conservadores depois de 1815 – e que governos da Europa continental não o eram? – o encorajamento dos sentimentos religiosos e das igrejas era uma parte tão indispensável da política quanto a organização da política da censura: o sacerdote, o policial e o censor (e alguns selecionados observadores de plantão!) eram agora os três principais apoios da reação contra a revolução.” HOBBSAWM. *A era das revoluções*, 2003. p. 319.

não rompe de maneira violenta com os consagrados valores do *establishment*: uma reificação com matizes um pouco avançados que chocavam com a moral da época, com especial atenção ao papel da mulher numa sociedade que lhe dava poucas opções além dos papéis tradicionais que de antemão lhe estavam reservados.

Uma proposição que apóia a idéia exposta no parágrafo anterior foi elaborada por Norbert Elias,⁵ a saber, que ao longo do século XIX as tradições dinásticas e aristocráticas dominaram a cena desse século e até um pouco depois. A ideologia aristocrática, segundo Elias, tinha como um dos pilares a racionalidade clássica.⁶ Racionalidade esta que também foi o salva-vidas das elites do tempo para se opor aos clamores de democracia por parte dos grupos marginalizados, isto é, daqueles que não podiam participar das decisões.

A sua postura crítica sedimentada no ideário do século XVIII seria um diferencial em relação aos outros críticos do seu tempo. Os julgamentos de Valera seriam pautados por uma atitude crítica, e a ironia seria o seu instrumento para desmistificar as obras e por extensão os autores, que eram os seguidores medíocres das correntes literárias que estavam em voga na sua época. Seguir a moda também era a escolha que sobrava para aqueles que tinham de viver da pena e não podiam ter o luxo de um emprego público, como a diplomacia. Sobreviver, eis a questão: o que fazer? As opções num país como a Espanha do século XIX eram bem poucas. Tanto que, mesmo com uma produção considerável, Valera teve de voltar-se para a carreira diplomática para melhorar a sua situação econômica. Entre teoria e prática surgiam questões mais candentes e uma das que sempre esteve batendo à sua porta era a do dinheiro. A mercantilização do mundo das letras condicionava a produção artística e Valera não pôde subtrair-se a essa tendência. Sabemos que os seus primeiros escritos se voltavam para a poesia, mas, como não havia um retorno financeiro, teve de abandoná-la em favor da prosa, que rendia mais. Este descompasso entre a arte e a necessidade de sobreviver iria influenciar as suas escolhas estéticas, visto que não tinha como escapar aos ditames do gosto da época.

⁵ ELIAS. *Os alemães: a luta pelo poder e a revolução dos habitus nos séculos XIX e XX*. 1997. p. 157.

⁶ “Apenas para reiterar este ponto: para a racionalidade clássica não existem conflitos. Assim, Kant viu o mundo natural, a par do mundo moral, como áreas de suprema harmonia. Conflitos podem realmente ocorrer entre pessoas, poderia ele ter dito, mas se todas agissem racionalmente, se toda pessoa obedecesse às leis do Estado como obedece às da natureza, então haveria mais conflitos, pois os conflitos são anormais; são perturbações na vida social humana, a qual, se se ajustasse às leis da racionalidade, procederia harmoniosamente e sem atrito.” *Ibid.*, p. 414.

Outra questão discutida por Valera é a função do artista e, por extensão, da obra de arte na sociedade burguesa. Segundo o autor, as grandes narrações épicas já estavam superadas, pois a inspiração coletiva já não existia mais. O poeta passa a ser um demiurgo isolado do seu público, que tem como função ser apenas mero espectador das obras de arte ou mesmo uma espécie de auditório simpático. A marginalidade do poeta também é deixada de lado. Para Valera, a dor e a boemia não eram pré-requisitos para a criação poética. O compadecer-se com a dor alheia para ele só trouxe mais problemas, pois, segundo o escritor, estes mesmos gênios sofriram menos que o povo:

... ¿quién padece más, para quién es el buitire, la cicuta y la cruz, para los genios que han inventado la república federal o para el vulgo de los españoles? A mi ver, para el vulgo de los españoles. La letra de la república federal les va entrando con sangre y miseria.⁷

Podemos dizer que a presença constante de alusões diretas ou indiretas às idéias raciais⁸ denota que estas eram um elemento importante para o iberismo valeriano. Resta ressaltar que Valera estava na fase da maturidade do seu pensamento e que de certo modo manteve as linhas essenciais do que já tinha escrito em outras fases da sua vida, isto é, a dicotomia liberal-aristocrática estava tendendo nesse momento mais para uma perspectiva conservadora. Infelizmente, as inovações que pudessem ter o pensamento valeriano de incorporação ou reconhecimento das culturas latino-americanas se deparava com uma barreira racial que excluiria automaticamente as culturas afro-americanas e indígenas, posto que estas não se adequavam aos seus objetivos. O possível predomínio de culturas diferentes na América Latina poderia ser um perigo caso a Espanha fosse aniquilada e tivesse de renascer na América. Para Valera, as misturas raciais, caso viessem a prevalecer, seriam decorrentes de uma decadência e eliminariam as possibilidades da continuidade espanhola. Contudo, ele se mantinha otimista, acreditando que essa situação não ocorreria, pois constatou que as obras dos descendentes dos colonos se pareciam cada vez mais com as dos antigos colonizadores. Este “selo castiço” seria o correspondente ao que já vimos em outros textos de Valera, isto é, estaria em correlação com o sentimento nacional ou patriótico e seria inclusive uma forma de resistência à

⁷ Idem, *Vida de Lord Byron*, 1873. p. 249.

⁸ O conceito de raça adotado por Valera é o do século XIX e difere da significação atual.

avassaladora invasão das culturas hegemônicas da época, mormente a francesa.

Valera segue a linha de raciocínio ao enfatizar que os laços interculturais não poderiam ser rompidos e, se viessem a sê-lo, seria grande o prejuízo para todos. Para tal, ele se vale das afinidades culturais hispânicas e raciais como um elo muito forte que estava presente nas produções artísticas dos povos peninsulares e dos latino-americanos. Ao reforçar esta posição, traz para o âmbito peninsular a possibilidade de agregar para a sua causa ibérica a raça latina (espanhola e portuguesa) na América. O iberismo valeriano se configurava nessa etapa como uma tendência cultural que pugnava pela unidade da Península Ibérica associada com suas antigas possessões, tendência essa que inova na história peninsular. Nos seus textos se depreende que, desde o século XIX, a corrente iberista associou-se à necessidade de afirmação de Portugal e de Espanha ante as outras potências européias. Contudo, em Portugal o iberismo nunca foi uma corrente muito marcante, e se teve alguma expressão em alguns momentos dos séculos XIX e XX, era por ser encarado como um reequilibrador da dependência lusa diante da Grã-Bretanha.

A proposição ibérica se torna mais abrangente, porque, ao unificar os conceitos em um que seria para ele mais significativo, Valera transforma a sua comunidade imaginada numa espécie de “confederação” ou “liga pacífica” supranacional que teria como principal fator de união os laços culturais e raciais. As ondas imigratórias não representariam uma ameaça de perda de identidade ibérica, pois para ele o iberismo persistiria e só uma mudança drástica o poria por terra. A perda das raízes peninsulares seria um opróbrio, pois uma coisa era a independência política, outra era a eliminação de uma tradição cultural, que seria desastrosa. Renegar as origens e inclusive procurar uma forma de superação das antigas metrópoles, para Valera, seria antinatural, isto é, seria como um filho que resolvesse que o pai devesse morrer para ocupar o seu posto. Os hispano-americanos teriam um grande papel nos destinos da humanidade, mas Valera, apesar de compartilhar essa crença, observa que eles não poderiam descartar o legado espanhol. A previsão de Valera era que a raça latina realizaria uma confederação de nações que teria elos em comum e o sentimento ibérico seria um dos seus pilares. Contudo, se os hispano-americanos se convertessem em latinos seria para Valera uma negação de tudo o que ele deixara assinalado. Por trás desse raciocínio encontra-se uma posição firmada no interior de um sistema de pensamento, para o qual a verdadeira questão não está no outro excluído, os afro-americanos e os indígenas, mas no reconhecimento do mesmo, isto é, os “criollos” descendentes dos espanhóis. O caminho da união cultural é o mais seguro e fica em primeiro plano. Já as

outras formas, como a união pela força, são descartadas pelo missivista, porque as tentativas empreendidas pela Espanha resultaram em fracasso e contribuíram para gerar desconfiança nas ex-colônias quanto às reais intenções que estavam por detrás dos atos da política externa. Desse modo, Valera lamentou a guerra do Pacífico e a expedição ao México, que não deram os resultados esperados. Esta sua posição será reiterada ao longo da série de cartas: união cultural sem anexação política direta. O sentimento anti-espanhol presente em alguns dos textos que analisa é deplorado em função de uma posição que procura um ponto de equilíbrio entre as partes. A emancipação dos países que antes eram colônias da Espanha gerou, por parte dos hispano-americanos, uma animosidade que pouco a pouco foi perdendo força. O ensaísta descortina nesse novo panorama uma nova etapa nas relações internacionais entre Espanha e suas ex-possessões. O papel que Valera desempenha é fundamental, pois o reconhecimento do valor das produções literárias latino-americanas e a apresentação para o público espanhol era uma contribuição importante para a renovação das relações interculturais. A instabilidade política das jovens repúblicas latino-americanas, que muitos tentavam explicar como uma maldita herança hispânica, é posta de lado por Valera. Longe de condenar o sistema político republicano em si, Valera apontava as falhas que comprometiam a estabilidade política, mas sem perder de vista que o seu objeto de estudo eram os livros dos autores latino-americanos que lhe pediam um parecer crítico sobre suas obras. Assim, as duas coisas caminhavam juntas: os comentários eram uma oportunidade para emitir ponderações sobre política e questões afins. Valera não se furtava de colocar suas opiniões sobre os temas políticos e literários. O componente político presente em algumas obras também guiava os seus posicionamentos críticos. A sua preocupação ao tecer os comentários era destacar como positivas as obras que de uma maneira ou outra favorecessem algum tipo de aproximação intercultural. Obras que porventura alargassem mais a separação política entre Espanha e as antigas colônias não eram vistas como um exemplo a ser seguido. A substituição dos valores estético-literários da Península por outros era também condenada por Valera. A saída, para ele, se encontrava em um retorno para aquilo que deu certo no passado como fonte de inspiração. Seria uma tentativa de procurar um novo caminho que considerasse as mudanças do presente a partir do legado da civilização hispânica. Podemos dizer que há um certo pessimismo em relação à Espanha por parte de Valera, porque para ele a realização na América dos ideais do iberismo era uma esperança para a sua continuidade e com maiores possibilidades de sucesso.

A proposta eleita como princípio de sua fundamentação estética e ideológica funciona também como estratégia por meio da qual se percebem

continuidades e mudanças nos contatos com os textos locais que ressaltam a margem e “abalam”, em graus diversos, as matrizes em que ele se baseia, isto é, ele tinha como crivo um cânone literário conformado por textos que considerava pertinentes. As diferenças e, sobretudo, as semelhanças, históricas e literárias, de que fala Valera são, pois, deslocamentos estratégicos, distâncias, que permitem um olhar enviesado, possível de medir diferentes direções e velocidades: o espaço e o tempo da concepção iberista que não ignorava o que foi transmitido, ou imposto, pelos colonizadores, mas possibilitava gerar continuidades, reificações, para além de uma relação causalista e linear dada como hegemônica, que marcaria a marcha inexorável dos países ibero-americanos na história Ocidental. A abordagem valeriana quase sempre se pautava por uma categoria de valor estético gerado não nos centros da época, Paris ou Londres, mas sim principalmente pela tradição cultural peninsular, que se tornou uma maneira de hierarquizar e julgar. Tal estratégia de que Valera lança mão para resistir à conformação passiva ao modelo hegemônico, à imposição da cópia, da semelhança (o fazer igual), possibilitava a assunção de produtos culturais periféricos que, em diálogo e em tensão permanente (interna e externamente), podiam fecundar a produção artística dos centros hegemônicos. O caso do poeta nicaraguense Rubén Darío exemplifica bem este posicionamento estratégico. A influência francesa no texto de Darío em um primeiro momento impediu, por parte de Valera, uma leitura inicial. Contudo, essa hostilidade desaparece, pois Valera reconhece que a influência francesa não significou perda de originalidade e nem de valor literário do livro *Azul...*. O que o intrigava era o fato de Darío não ter morado, até a publicação da sua obra, na capital francesa e mostrar um conhecimento profundo de Paris. A novidade da obra de Darío, e que lhe confere um caráter de autenticidade para Valera, é a presença do *españolismo*. Os galicismos e modismos franceses não comprometeriam o cerne de *Azul...*, posto que se conservavam as linhas essenciais do iberismo. A assimilação da estética francesa pelo poeta nicaraguense correspondeu a um resultado que foi além do simples arremedo. Valera consegue, no seu comentário, distinguir o real valor da poesia de Darío, quando este escritor ainda estava no início de sua carreira no mundo das letras. A apresentação da nova poesia modernista para o público espanhol e latino-americano terá um impacto decisivo na renovação do ideário estético em ambos os lados do Atlântico.

Valera presencia nos seus comentários, basicamente, o desenvolvimento de dois modelos: a reprodução idêntica (da cultura dos colonizadores) e a reprodução na diferença. No primeiro caso, os países latino-americanos efetuam uma espécie de clonagem da cultura, das idéias, da língua, etc. da sociedade-mãe, isto é, da Espanha, estabelecendo um padrão de

continuidade. No segundo caso, a evolução cultural desses novos países se estrutura pelo desejo de ruptura com os valores, modelos e referências da cultura colonizadora, desenvolvendo utopias de recomeço e táticas de apropriação simbólica e de subversão dos discursos hegemônicos. No caso de Darío, Valera constata uma inovação que mudou os rumos das literaturas hispânicas. Podemos sugerir que a leitura valeriana detecta uma espécie de hibridização, gerando, a partir de justaposições e interseções, uma estética que reverteu a relação de dependência cultural. Valera verifica também que existia uma gama muito grande de variantes nas novas literaturas, pois uma tendência de continuidade pode ser marcada por seleções, distorções, “esquecimentos”, deslocamentos de sentido (logo, por pequenas rupturas). O que pode ser de grande utilidade para compreender melhor a práxis comparatista valeriana é detectar, nos contextos literários de análise, quais as tendências predominantes – se de continuidade ou inovação – e no caso da recepção do texto de Darío há uma inegável contribuição. Valera foi, sem sombra de dúvida, um crítico que conseguiu, sem um distanciamento temporal considerável do objeto ao qual voltava seu olhar, tecer um comentário inovador e, de certa forma, ajudar a romper com o desconhecimento existente, por causa justamente do grande isolamento em que ainda se encontravam as literaturas ibero-americanas.

Podemos observar na atitude valeriana uma dupla perspectiva, a saber, que a cultura para ele era vista como uma estratégia de sobrevivência tanto transnacional como tradutória. A segunda perspectiva, a tradutória, foi constatada no caso de Darío, que, segundo Valera, conseguiu lidar com uma forte presença francesa, mas manteve a sua originalidade. Digamos que o iberismo valeriano se configurava por uma dialética que pressupunha não apenas a aceitação da transformação cultural latino-americana, base da formação do novo ideal ibérico, mas também a compreensão e aceitação da mistura fundadora como geradora de metamorfoses essenciais em cada um dos grupos implicados. Mudanças culturais em ambos os lados do Atlântico significariam novas possibilidades. Este conhecer um ao outro seria uma prática que Valera considerava necessária, pois estava relacionada à maneira pela qual os modos culturais se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos de outras origens, constituindo uma nova práxis, composta do aspecto político conjugado ao cultural, que é reiterado explicitamente pelo missivista nas suas cartas. Todo o problema está no que acontece com essa troca de valores que Valera opera, esse escambo cultural que constitui o seu iberismo, sem que isso deva implicar a destruição da alteridade. Nem toda passagem de uma cultura a outra representa a morte da cultura de destino, há negociações mais ou menos nocivas, mais ou menos benéficas. Valera oscilava nas suas ne-

gociações culturais e pendia principalmente para uma posição mais conservadora. A exclusão de outras culturas não leva na devida conta a multiplicidade racial que havia desde a constituição da Espanha e de Portugal. De maneira resumida, os ibéricos, tanto os espanhóis quanto os portugueses, são dominados, em momentos históricos distintos, pelos romanos e pelos mouros, além de contar com a presença constante e numerosa dos judeus. Os astecas, que dominam o México à época da conquista, por seu caráter expansionista e constituição guerreira, trazem em si vários traços culturais dos povos que eles submetem. Os negros trasladados para o novo continente como escravos, quando da colonização, provêm de várias tribos africanas e de distintas castas sociais, trazendo assim cultos, usos e costumes diversos entre eles. A questão que temos é que Valera não sincronizava toda a rica tradição cultural que é contínua na América, por conta da constituição multicultural e polirracial, com a realidade socioeconômica-política, permanentemente desigual, defasada, violenta e injusta. A sua perspectiva era eurocêntrica, privilegiando o legado ibérico, visto que para ele a sociedade européia trasladada era a grande responsável pelo desenvolvimento cultural e econômico. Os desencontros motivados por ressentimentos nativistas deviam ser resolvidos para evitar futuros desentendimentos. Valera, como ensaísta, vai relevar uma conciliação problemática entre conquistadores e conquistados pela homogeneização de culturas que promove, apontando para uma identidade ibérica unicultural, que torna as diferenças incompreensíveis, como se fosse inerente tanto aos peninsulares como aos latino-americanos e não houvesse desigualdade na relação de forças entre aquelas culturas que se amalgamam. O futuro estaria no presente e não no saudosismo pelos tempos passados.

Ao criar uma realidade imaginária, a literatura passa a criar significado do mundo; a narrativa engendra uma realidade ficcional, rompendo seus compromissos com o documento e constituindo-se não como expressão de um conteúdo conhecido *a priori*, mas assumindo-se como invenção que desmistifica a pretensa supremacia da verdade histórica. A literatura exerce o papel de cimento e de instrumento de interpenetração entre dimensões apenas aparentemente distintas. Como é previsto paradigmaticamente no modelo político-pedagógico da *Bildung* iluminista, literatura e estética fornecem o ponto de apoio para a totalização dos discursos nos planos da moral, do afeto e da política. O lugar estratégico ocupado pela abordagem do literário no discurso de Valera vem do fato de ser por intermédio da cultura literária que se constrói a perspectiva humanista e abrangente capaz de estruturar o olhar cosmopolita e superior do homem público educado. Na modernidade ocidental, particularmente aquela em que uma função diplomática constitui um eixo fundamental do poder, o

homem público deve necessariamente ser também um homem de letras, o que significa dizer um homem dotado das qualidades humanistas sem as quais não pode negociar com os seus pares. Antes e depois de tornar-se diplomata, Valera passa pelo estágio das letras, como nos conta em várias de suas cartas. Ao passar por tal estágio, adquire uma patente que jamais se despregará dele. O homem público neste molde clássico pode abandonar ou secundarizar a vida literária em detrimento de tarefas ligadas ao Estado, mas jamais abandona a idéia de que sua qualidade mais profunda, mais autêntica, aquele lado de si próprio de que ele mais gosta e mais se orgulha é o literário. Valera é uma manifestação de um tipo profundamente enraizado na definição do perfil do homem de poder em nossa civilização. Podemos observar que Valera, como outros intelectuais de sua época, era uma espécie de *doublé* de intelectual e político, no sentido de que não há intelectuais que não sejam políticos, embora obviamente a recíproca não seja verdadeira.

A condição de diplomata e viajante forneceu instrumentos para um conhecimento verdadeiro do Outro, mas de vez em quando os paradoxos apareciam, e as leituras ficavam comprometidas com uma perspectiva que seguia a política das nações imperiais para o resto do mundo. Escrever em uma antiga potência imperial tinha lá os seus perigos, pois o imaginário estaria permeado de referências a um passado de glórias. Recuperar culturalmente os espaços perdidos seria uma estratégia que poderia render os seus dividendos. Para tal, era necessária uma adequação que aplainasse diferenças que levassem a uma posição de intransigência. O bom senso e o equilíbrio seriam as balizas do iberismo. Contudo, o predomínio cultural dos peninsulares também trazia os seus riscos para uma proposição de união, que ficava cada vez mais restrita como utopia. Tanto que nessa época não se verifica, nas cartas de Valera, nenhum grupo político ou mesmo de intelectuais defendendo ou mesmo sugerindo uma possível união ibérica. Nas cartas do período em que Valera esteve em Portugal assinalamos a presença, registrada por ele, de uma atmosfera favorável para uma unificação político-cultural dos países peninsulares, mas sem considerar a inclusão das antigas colônias. O século XIX se esvaía e outras questões eram mais importantes. Somente um choque externo poderia fomentar novamente a discussão nos meios intelectuais do iberismo ou algo que lhe fosse próximo. Podemos sugerir que a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos pelo domínio de Cuba, Filipinas, Porto Rico e Guam foi o último estertor, ou melhor, o canto do cisne da proposição ibérica. A realização de Valera se deu no reconhecimento dado por ele dos principais nomes das letras hispano-americanas. Reconhecer o Outro foi a principal contribuição de Valera na etapa final do seu iberismo.

Partindo da perspectiva de que a questão cultural e a política caminham juntas, podemos acrescentar que inicialmente ambas tinham sua importância nos postulados ibéricos de Valera. O pensamento valeriano na sua fase inicial tinha a favor de sua geopolítica a proximidade geográfica entre Portugal e Espanha, que favorecia a defesa da união, contemplando abertamente as duas perspectivas. Nas cartas do período “português”, temos o seu testemunho de uma atmosfera propícia, entre a intelectualidade portuguesa, para uma união dos dois países em todas as esferas, a qual tinha a sua simpatia. No período que Valera passou no Rio de Janeiro (1852-1853), houve a reiteração da dupla perspectivista unionista, mas o deslocamento espacial de Valera, de certa forma, influenciou na redefinição da sua proposição ibérica. Podemos sugerir que a reflexão crítica sobre as produções culturais luso-brasileiras agregou um novo ponto de vista no seu pensamento: o latino-americano. A reelaboração do iberismo operou então com uma nova definição baseada em outros fatores. Era ponto pacífico para Valera que as afinidades entre Portugal e Espanha seriam decisivas para uma fusão que açambarcasse os dois países. A geopolítica valeriana passou, nos textos posteriores, a incorporar ao seu iberismo as antigas colônias hispano-americanas. A partir daí o componente cultural passou a determinar os imperativos ibéricos. As mudanças no pensamento Ocidental do final do século XIX, principalmente com os estudos sobre a questão racial, também se configuravam nas considerações de Valera. Os pontos culturais em comum seriam reforçados por afinidades raciais que elevariam o iberismo a uma espécie de união intercultural. Tal união intercultural se daria pela busca de continuidades da cultura européia, sobretudo o legado peninsular. A tradição conteria as respostas para a elaboração de um pensamento que seria uma espécie de “terceira via” para os povos ibero-americanos. A comunidade ibérica imaginada teria no aspecto cultural um entrelaçamento que favoreceria, em um hipotético futuro, uma possível fusão. Tanto que Valera observava, nas suas cartas, que talvez na América a recriação dos valores peninsulares seria uma esperança para um contexto internacional que se mostrava cada vez mais incerto.

A cena de enunciação liberal-aristocrática de Valera engendrou os diversos paradoxos presentes nas suas principais idéias. Assim, o cuidado ao discuti-las foi uma constante ao longo deste estudo, pois Valera foi, em todos os momentos, coerente com o que acreditava. Os matizes existem. Os refinamentos também estavam presentes. Contudo, a espinha dorsal do iberismo se manteve fiel e a sua evolução foi impregnada pelas mudanças do pensamento Ocidental. Talvez o fator cronológico seja uma explicação realmente válida para um pensamento que se manteve ao longo de toda uma vida, tal como foi proposto pela primeira vez. As prerrogativas e os privilé-

gios da cena de enunciação acentuaram a heterogeneidade das idéias de Valera, que, se em certos momentos eram inovadoras, em outros seguiam a cartilha eurocêntrica do século XIX. Cabe ao leitor contemporâneo separar no pensamento valeriano os pontos que possam trazer uma contribuição para uma discussão que ainda não se encerrou. Enfim, digamos que o iberismo valeriano foi uma proposição que tem a sua pertinência para os dias atuais, posto que se propõe superar as fronteiras geográficas e se estender para uma cartografia cultural ibero-americana. O iberismo valeriano se enquadraria numa corrente mais otimista, de dissolução de fronteiras, como a de Anderson. Contudo, as uniões ou fusões, como mostram muitos exemplos atuais, mostram-se fálacias. Mesmo hoje, quando ouvimos falar de fusão de grandes empresas transnacionais em União Européia. Primeiro porque essas “uniões” são altamente discutíveis, e os limites são bem assinalados. A cultura peninsular segue o nivelamento que se faz em termos mundiais, ou seja, segue os padrões multiculturais em voga no mundo inteiro, leia-se “globalização”, por exemplo.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo descortinar possíveis relações entre a cena de enunciação liberal aristocrática do escritor espanhol Juan Valera e o iberismo. Propomos, como hipótese, investigar a evolução da construção do iberismo nos seus escritos, a saber, cartas e alguns ensaios. Além de investigar a bibliografia do tema proposto, tem-se como meta contribuir com uma nova perspectiva para a Crítica Literária Brasileira a partir do desdobramento da questão das relações interculturais.

Palavras-chave: *Iberismo; Juan Valera; choque cultural.*

ABSTRACT

The purpose of this study is to uncover possible relationships between the scene of the liberal aristocratic speech of the Spanish writer Juan Valera and *Iberismo*. As the main hypothesis, we propose to investigate the development of the construction of *Iberismo* in the author's letters and essays. Besides researching the bibliography on the proposed topic, we aim to contribute a new perspective for Brazilian Literary Criticism based on intercultural relationships.

Key-words: *Iberismo; Juan Valera; culture shock.*

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas* – reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de cultura económica, 2000.
- ANNINO, Antonio; GUERRA, François-Xavier Guerra (Coords.). *Inventando la nación*. Iberoamérica. Siglo XIX. México: Fondo de cultura económica, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HOBBSBAMW, Eric J. *A era dos impérios-1875/1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *A era das revoluções – 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. *A era do capital – 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- PIÑERO VALVERDE, María de la Concepción. *Don Juan Valera y Brasil: un encuentro pionero*. FFLCH/USP: São Paulo, 1993.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VALERA, Juan. *Cartas a Estébanez Calderón (1851-1858)*. José Luis García Martín, (coord.). Gijón: Libros del Peixe, 1996.